

TRABALHADORES AGROINDUSTRIAIS: ESTRUTURA E PROCESSO HISTÓRICO NO TRIÂNGULO MINEIRO (1980-2012)

Sérgio Paulo Morais¹

O Cenário Agroindustrial do Triângulo Mineiro

O presente artigo tem como principal intenção apresentar algumas inter-relações de fenômenos históricos que se manifestaram na agroindústria, no trabalho e nas condições de vida de trabalhadores, no Triângulo Mineiro, nas últimas três décadas.

Neste período ocorreram significativas transformações culturais, ambientais e sociais, em diferentes municípios, em função da chegada, permanência, e, em alguns casos, fechamento de usinas de cana-de-açúcar.

Este produto, presente na região desde os anos de 1980, tem apresentado índices altíssimos de produtividade e avaliações que indicam o aumento de áreas de plantio e de quantitativo de produção para a próxima década.

A estimativa é do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Segundo o estudo, a produção será superior a 98 milhões de toneladas, consolidando a posição do Estado como segundo maior produtor do País. Na safra 2009/2010, o Estado produziu 56 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. O crescimento nos próximos 10 anos será o maior entre os principais estados pesquisados. Os canaviais, que na safra passada ocuparam 679 mil hectares em Minas, terão uma área de 1,12 milhão em 2020. Um crescimento de 64,7%. “O Estado vem apresentando um forte crescimento na produção de cana nos últimos anos”, explica o superintendente de Política e Economia Agrícola da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, João Ricardo Albanez. Segundo ele, de 2003 a 2009, a produção mineira já cresceu 180%. Com isso, Minas Gerais passou de terceiro, para segundo maior produtor nacional de cana-de-açúcar, ultrapassando o Paraná e ficando atrás apenas do estado de São Paulo².

¹ Doutor em História Social/PUC-SP. 2007. Professor Adjunto dos cursos de graduação e pós-graduação (Componente e Coordenador da Linha Trabalho e Movimentos Sociais) do Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Líder do Grupo de Pesquisa/Cnpq: Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Trabalho e Cidade (NUPEHCIT). E-mail: <moraisp@yahoo.com.br>.

² Cf. http://www.agricultura.gov.br/images/MAPA/arquivos_portal/Projecoes_Agronegocio.pdf, p.33, consultado em 11 mar. 2010.

As perspectivas para a safra 2012 parecem confirmar a projeção anterior, elaborada em 2010:

Em Minas Gerais, aproxima-se o início da colheita de cana-de-açúcar destinada ao setor sucroalcooleiro (para produção de açúcar e etanol) e são boas as perspectivas para a safra 2012. De acordo com levantamento divulgado ontem pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção deve alcançar 54,4 milhões de toneladas, volume 9,1% superior ao registrado na safra passada. Para a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), o estudo mostra que o crescimento da produção está vinculado à expansão da área plantada e ao aumento da produtividade. Segundo o levantamento, os canaviais mineiros ocupam área de 768,7 mil hectares, equivalente à expansão de 3,5% em relação à safra anterior. Na avaliação da Superintendência de Política e Economia Agrícola da Seapa, os números reafirmam a posição de Minas como segundo maior produtor de cana-de-açúcar do País. O crescimento da safra da cultura no Estado supera a média nacional, que deve ser de 5,4%. Do total de cana-de-açúcar encaminhado para as usinas, 50,2% são destinados à produção de etanol. A cana será transformada em 2,2 bilhões de litros (6,7% a mais que o volume obtido no ano anterior). Já para a produção de açúcar serão encaminhados 49,8% da matéria-prima. A cana resultará em 3,5 milhões de toneladas de açúcar, volume 6,7% superior ao obtido na safra passada. Os produtos têm possibilitado bons resultados no conjunto das exportações mineiras do agronegócio. No caso do etanol, Minas Gerais registrou em março deste ano vendas externas de US\$ 5,2 milhões, cifra 479% superior à obtida em fevereiro. Com o açúcar, o Estado teve, no terceiro mês deste ano, vendas de US\$ 9,2 milhões, cifra 95,6%³.

Entretanto, a significativa produção não se fez (e se faz) por si mesma. Seguindo a proposta inicial, espero mostrar que a robusta presença da cana-de-açúcar no Triângulo, modificou a estrutura social da região e infligiu dinâmicas próprias ao processo histórico que se estabeleceu (e ainda se estabelece). Tal processo, fruto da ação de diversos sujeitos/trabalhadores, tem indicado rupturas, continuidades e ações em torno do trabalho e disputas em relação ao direito ao uso da terra.

Na percepção dos problemas, localizo-me entre aqueles que buscam, nas complexidades do vivido, a concepção materialista da história, que, a saber, “seria a

³ Disponível em 11 abr. 2012. p.04. Disponível em: <<http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/handle/123456789/59287>>.

produção e a reprodução da vida real” o “fator que em última instância determinaria a História”⁴.

Neste artigo, em particular, utilizo parte do acervo, de entrevistas orais, constituído pelo estudo “Histórias, Memórias e Cidadania: Estudo Sobre os Fluxos Migratórios de Trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas Últimas Décadas”, apoiada pela Fapemig (2008-2010) e coordenada pelo professor Paulo Roberto de Almeida (UFU), no qual participei como pesquisador; e por entrevistas referentes à pesquisa “Os Trabalhadores das Lavouras de cana-de-açúcar na região de Tupaciguara - MG frente à expansão das usinas sucroalcooleiras no Triângulo Mineiro (2007-2011)” de Denise Nunes De Sordi, mestranda em História na Universidade Federal de Uberlândia.

Produção de evidências na elaboração de fontes orais de/sobre trabalhadores canavieiros

Nas pesquisas citadas e na produção deste artigo, várias evidências foram analisadas, desde documentos oficiais, revistas de agronegócios, a artigos de imprensa.⁵ Porém, a perspectiva da temática do trabalho e trabalhadores canavieiros, a partir das interpretações e perspectivas dos sujeitos - e não da produção econômica mineira, ou da discussão sobre as repercussões internacionais sobre os bicomcombustíveis – permite posicionar-me em relação à produção de entrevistas dialogadas; ou seja, sem a apresentação de questionários ou tabulações porcentuais de registros coletados.

Na produção e utilização das fontes orais, na concepção da qual comungo, ocorrem, através da elaboração e reelaboração de memórias, interpretações sobre trajetórias de vida, de trabalho, entre outras.

Provocadas, pois, no momento dos encontros, as narrativas criadas através de entrevistas possibilitam interpretações aos historiadores. Assim, a crença da descoberta de verdade e de informações concretas e absolutas, na produção de narrativas, é algo que não foi buscado no desenvolvimento da pesquisa, até mesmo porque os envolvidos não acreditavam (e ainda não crêem) nessa possibilidade “positivista”.

Para além de gravação, de transcrição, de análises fonéticas, tais narrativas contêm experiências e transmissão de conteúdos organizadores de relações e de valores sociais.

Vistas por tal ângulo, as narrativas não podem ser “coletadas”. Trata-se de arranjos provocados por relações dialógicas, constituídas em função das ambiências culturais vividas. As narrativas possuem seus momentos, suas lógicas e inteligibilidades.

⁴ Cf. ENGELS, F. Carta de Friedrich Engels a Bloch, 21-22 set. 1890. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986. v.3.

⁵ Sobre fontes imprensa e pesquisa história indico o trabalho de algumas autoras, entre elas: ver: MACIEL, L. A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. et al (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 14-40; BARBOSA, M. E. Os Famintos do Ceará. In: FENELON, (Org.). *Muitas memórias, outras histórias...*, p. 94-115; CRUZ, H. de F. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. *Projeto História*, n. 35, São Paulo: EDUC, 2007, p. 255-272.

Alessandro Portelli traduz muito bem essa dinâmica ao indicar que o constructo de fontes orais

sempre é um trabalho em evolução, onde narradores examinam a imagem do seu próprio passado enquanto caminham. A dificuldade que entrevistadores (e narradores) muitas vezes encontram em finalizar uma entrevista mostra sua compreensão de que a estória que estão contando é aberta, provisória e parcial⁶.

Entretanto, a dinâmica de composição não fragiliza a produção dessas fontes, principalmente pela representatividade que as mesmas apresentam, pois, são plausíveis dentro da relação criada entre

a experiência (interna do narrador) e o controle externo (a sociedade)”¹. Isso quer dizer que, nas narrativas, os “fatos importantes são os que se desenvolvem na consciência de cada um; embora possam não ter se concretizado, num determinado campo de forças, nem por isso deixam de ser realidade, como expectativas e disputas que são. Para o pesquisador, mais do que os fatos vistos, interessa o processo de visão, de interpretação e, em consequência, de mudança⁷.

Feitas tais e resumidas considerações, passo para o segundo momento da discussão, que se refere à busca de sentidos e significados atribuídos pelos trabalhadores às modificações nas maneiras de trabalhar e viver por intermédio de fontes orais e de outras evidências.

Trabalhadores em movimento para o Triângulo Mineiro

Para que a excepcional produção de cana no Triângulo Mineiro ocorresse (e ainda ocorra), desde os anos 1980, foi necessária a abertura de contratos de trabalho para milhares de pessoas, as quais se locomoveram de modo temporário e precário para a região.

Trabalhador rural na infância e cortador de cana na adolescência, Eurípedes Batista Ferreira (Presidente Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã), percebe e narra, a vinda e a transformação na produção e no trabalho na agricultura, do seguinte modo:

⁶ Cf. discussão sobre o momento da narrativa em: PORTELLI, Alessandro. *The Time of my Life: Functions of Time in Oral History*. In: PORTELLI, A. *The Death Of Luigi Trastulli And Other Stories*. Form and Meaning In Oral History, New York: State University of New York, 1991, p. 59-76.

⁷ KHOURY, Yara Aun *Diálogos sobre a História e a Memória pelos Caminhos da História Oral*. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Núcleo de Estudos Cultura, Trabalho e Cidade. mimeo. Julho/2003.

Eurípedes: *[Na minha região] é o seguinte: nos anos oitenta havia uma monocultura, tinha muitas lavouras de milho, muitas lavouras de algodão, muitas lavouras de arroz, mas tinha muitas, tinha muitos agricultores familiares... morava muita gente nas roças, uma grande maioria morava, mas aí chegou a cana, chegou a cana e isso foi sumindo... então, foi engolindo. Tipo assim: uma fazenda que tinha aí cinquenta alqueires (ela tinha lá cinco pessoas morando na usina) foi.. alugô e plantô cana até lá onde tinha a casa do cara e aquelas pessoas veio pra cidade. Elas faiz o que? Se ela plantava lá (um trabalhava pra um fazendeiro) ou coisa assim..., plantava lá no fundo uma horta, criava galinha e tal... chegou um aperto aí muito grande, a grande maioria já veio pra cidade... então, veio pra fazer o quê? Trabalhar na cana, e que agora tá sem perspectiva. [...]Então a usina veio e abafou o município, tipo assim, alugou os municípios... então... secô, fechô...[...] A crise [nos anos 2000] é dos trabalhadores; por que? Se pegava mil [em uma usina] agora uma colhedera [máquina de colher cana] colhe... com setenta, fico eles que vão ganha mais dinheiro, mas a minha preocupação maior não é com a usina; com a crise, não! É com as pessoas nos temo aqui tinha setenta mil pessoas, agora nos temo trinta mil pessoas esse ano; nois vai fazê o quê? ⁸*

Esse quantitativo numérico será discutido posteriormente. No momento, trato de entender sentidos na vinda para a região; sobretudo, por indicar fenômenos que vêm provocando transformações reais na realidade brasileira, influenciando na reconstituição tanto do campo, quanto da vida nas pequenas cidades que se avizinham de usinas ou de outras indústrias agrícolas; assim, o processo migratório com suas especificidades materializa os resultados da exploração de categorias diversas e dispersas de trabalhadores, fazendo com que os mesmos transitem pelo território nacional em busca de sobrevivência.

Esse processo, porém, evidencia diversas contradições vividas. Diante disso, em contraposição aos paradigmas que envolvem o termo “migração”,⁹ utilizou-se, na pesquisa antes indicada, a ideia de um movimento transitório de trabalhadores. Uma vez que a vinda para o trabalho não tem significado a mudança do grupo familiar para a região.

De modo distinto, os trabalhadores se movem para lidar com a cana, ou com a colheita de laranja, com o reflorestamento, enfim, procuram atividades, deslocam-se

⁸ ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Centralina e Araporã/ Apresentação Transformações Sociais e Questões Ambientais na Região do Triângulo Mineiro. *Revista Historia & Perspectivas* (UFU), v. 41, 2009. p. 214-221

⁹ DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade*. 2ed. São Paulo, Perspectiva, 1978.

pelo trabalho rural, ou mesmo urbano, com ou sem contrato regulamentado, e retornam para os locais em que moram suas famílias, ou se deslocam para outros lugares, em busca de outras atividades. Seguem safras, ocupam-se de atividades diversas, movimentam-se em espaços determinados de tempo.

Denise Nunes De Sordi capta essas dinâmicas ao entrevistar trabalhadores na cidade de Tupaciguara:

Denise: *E antes de vir trabalhar aqui em Tupaciguara você já tinha ido trabalhar em alguma outra cidade?*

Francisco: Já tinha ido pro Mato Grosso do Norte e do Sul. Aí no Mato Grosso do Norte; eu trabalhava com soja e só isso mesmo, e do Sul a mesma coisa também. Aí quando eu cheguei pra cá trabalhei nesses outros serviços, é corte de cana, de feijão, barragem (que é construção civil) e agora to trabalhando na mecânica agora. Na cimenteira.¹⁰

Estes sujeitos, trabalhadores no corte da cana, empregam-se também em atividades da construção civil, e para além do corte, na irrigação, como bituqueiros (recolhedores de talos caídos de caminhões ou deixados pelas máquinas), no plantio, na limpeza, na aplicação de veneno, como mecânicos, dentre outros.

Denise: *Francisco, fala, por favor, um pouco de você, o que que você faz? De onde você veio?*

Francisco: *É, eu sou do Maranhão eu vim pra cá, pra Minas Gerais, pra trabalha né? Trabalha em barragem, aí vim trabalha na cimenteira, em tudo isso... aí fui e voltei pro Maranhão de novo, aí voltei, aí fui lá aí lá não deu certo aí voltei pra trás de novo pra trabalha aqui. Aí quando eu cheguei aqui de novo eu arrumei um emprego na usina, trabalhava lá aí eu comecei a trabalhar na roça, é... plantio de cana, plantio, corte... aí eu comecei a trabalhar bituca aí eu comecei a trabalhar de mecânico na usina, aí foi isso¹¹.*

Tais trabalhadores compõem suas trajetórias; partindo de diferentes regiões e estados do Brasil e enfrentando diversas situações,

¹⁰A entrevista foi realizada por Denise N. De Sordi com Francisco e Maiara, sua esposa, na cidade de Tupaciguara-MG, no dia 14/07/2011. Francisco é mecânico na lavoura da Usina Bioenergética Aroeira. p.1; Acervo da pesquisa: Os Trabalhadores das Lavouras de cana-de-açúcar na região de Tupaciguara - MG frente à expansão das usinas sucroalcooleiras no Triângulo Mineiro (2007-2011), mimeo. 2011.

¹¹Idem, p. 3 ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Centralina e Araporã/Apresentação Transformações Sociais e Questões Ambientais na Região do Triângulo Mineiro. *Revista Historia & Perspectivas* (UFU), v. 41, 2009. p. 214-221.

Edmilson: Quando eu vim a primeira vez, entendeu, a gente nunca chegava no destino, anoitecia, amanhecia, anoitecia, amanhecia... eu falei nossa pra onde é que eu tô indo?! (risos) ...fura o Brasil e chega lá do outro lado do mundo e não chega! [...] Então quando eu cheguei em Ituiutaba era durante o dia (eu cheguei entrei na cidade...) desci perto da rodoviária, (num parou na rodoviária... que o ônibus era de um outro rapaz,) então olhava assim, eu tava com um amigo (que ele já tinha vindo outra vez) ele já foi no endereço de uma mulher que tinha morado numa casa dela. E fui acompanhando, a gente ia nessa rua, (vamo supô, a gente ia por aqui nessa rua) se voltava eu já não sabia se tinha passado por aqui, num conhecia né. Ficava doidinho! Aí nós foi lá nessa casa, graças a Deus, tinha lá um cômodo, maior do que esse (um pouco assim), tava desocupado, mas aí a gente ia paga lá... acho que era cento e cinqüenta reais... e gente pechinhou pra pagar cem reais porque se fosse paga cento e cinqüenta sem trabalha... só tinha um cobertor... não tinha cama, não tinha colchão, não tinha nada... o colega meu lá arrumou uns papelões colocou no chão e no cômodo ainda tinha uma sinuca não sei se era bar, se tinha bar... e eu dormia em cima dessas sinuca, uns dias... Assim a gente chega na cidade a gente fica arrodado, num conhece a gente fica a toa, e a gente andou lá de passa no meio da rua e eu não sabia pra onde ir¹².

Marco: Você veio de São Luís do Maranhão; como você foi recebido no Triângulo?

Joimar: Em relação a isso é complicado, porque geralmente... a gente vem sempre com alguém a primeira vez, uma vez, não é? E aí num conhece ninguém é sempre complicado; tem que fazê... (igual aluguel, supermercado pra compra fiado e outras coisas). Fica ruim se ocê num tive alguém que ti apresenta (ô que compra no caso...) Igual eu tô aqui, meus amigo vem, eu vem aqui apresentá eles ô intão eu compro no meu nome já pra eles passá pra mim quando eles recebê, entendeu. Agora, quando vem na caruda: passa mal, por que não conhece ninguém, às veiz já vem com o recurso só da passagem mesmo né, ai complica. [...] Inclusive aconteceu com um colega, no meis passado, ele trabalho dois ano na Usina, ai ele saiu. Agora simplesmente num chamaram. Ele tem família, teve qui vendê geladeira, televisão. Foi pro Estado de São Paulo passô quinze dia lá,

¹²A entrevista foi realizada por Denise N. De Sordi com Edmilson na cidade Tupaciguara-MG, no dia 15/07/2011. Edmilson trabalha no corte da cana.; Acervo da pesquisa: Os Trabalhadores das Lavouras ... p.2

eu mesmo dei cinqüenta reais pra interá passagem. Qui tá trabalhando agora nessa construção civil. [...] É ruim (pra nós que vem de longe), porque a gente num tem primo, irmão... quando tem é bão porque empresta, a mãe leva alguma coisa, um mantimento. E aqui é igual eu falo com os cara, com os colega meu qui são meus conterrâneo lá. A gente tem qui procura fazê amizade com que possa ajudá a gente na hora da... né. Por que o trem pega..... é complicado¹³.

No dia-a-dia, nas idas e vindas do trabalho, nos mercados, os trabalhadores são positivamente vistos como “consumidores” de produtos e serviços de pequenas cidades que, no Triângulo Mineiro, margeiam as Usinas e as fazendas.

Porém, o reconhecimento de ser de “fora” torna-se mais visível e experimentado (por trabalhadores) do que documentado, seja pela imprensa ou pela literatura acadêmica.

Paulo Almeida: *E esses migrantes estão retornando ou permanecendo na região?*

Eurípedes: *A gente tem uma série de problema com esse povo... a gente já procurou, tipo assim, as prefeituras daqui. A gente tem é problema sério! Pessoas sai lá de seu município e vem pro município tal... que ele vai cortar cana, vai plantá e vai fazer o que? Aqui não tem! Aí chega aqui... é um problema social prás prefeituras, que eles chega e vem... e nesse período agora já tá começando quando cinqüenta, sessenta, setenta pessoas chega aí... e sem saber nada eles vem, porque aqui é bão! Igual a Serra Pelada... vem por que? Chega aqui não tem nada, não tem dinheiro pra voltar (não tem dinheiro pra...) não tem lugar pra ficar, é um problema pro município, um problema pro sindicato, um problema pra própria empresa (que ele veio e)... vai lá pra porta. Então não é uma coisa boa. [...] As prefeituras e municípios, infelizmente, eles viram as costas. Pra ser bem direto, todo município... eles não quer nem saber de migrante, não quer nem saber se tem gente aqui... se tem ser humano... quando chega aqui, pra você ter um exemplo, tem uma dificuldade... (eu mesmo aqui nesse sindicato) você leva gente pra outro município: “Ah! Eu vou tirar um documento tal”... o cara é lá da barra*

¹³A entrevista foi realizada por Marco Túlio Melo Moraes com Joimar Costa Cardoso, idade não registrada, no dia 22/03/2009. Joimar na ocasião estava desempregado e esperava ser chamado para cortar cana Aroeira. p 02-04; Acervo da pesquisa: Histórias, Memórias e Cidadania: Estudo Sobre os Fluxos Migratórios de Trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas Últimas Décadas. Apoiada pela FAPEMIG (2008-2010).

deles, não atende de jeito nenhum. Isso não é aqui não, isso é generalizado, é um problema seríssimo que a gente têm... você chega no posto de saúde (cada município tem X vagas, né?) tem dez vagas, vinte vagas, pra um médico tal. Aí vem cinquenta de lá pra arrancar dente, porque lá quase num tem dentista. Aproveita e vai, tem dez baiano na fila e eles num atende. Aí ele toma a vaga que é do cara do município, que vota aqui, então o problema é sério... não quer nem saber quando a gente fala assim: “que o migrante (aqui mas)... se ele ganha dinheiro... eles querem vender pra ele”. Mas a assistência social é falida mesmo, você pode perguntar qualquer um aí¹⁴.

Mas nas filas dos postos de saúde, nos programas de compensação de renda, nos arredores dos bares são negativamente percebidos enquanto utilizadores de serviços públicos, e, até mesmo, considerados portadores de inerentes atos de roubos, de assaltos e etc.

As falas dos trabalhadores caracterizam a dureza de atividades, a utilização de força e a exaustão provocada pela jornada, como particularidades de se ter resiliência para a realização do mesmo.

Dentre outras entrevistas, temos:

Gabriel: *O pessoal vinha pra cá, você alugava casas, tudo, o interesse do pessoal era grande grande, não?*

Anilton: *Lógico. Com certeza, muito grande. Muito grande, tem muita casa alugada O pessoal que vem de fora, também, nordestino, num é um pessoal assim... é um pessoal que já tá acostumado com o trabalho pesado, muito mais pesado. Então, desenvolve o trabalho muito mais do que o pessoal da cidade. Aí junta as duas coisas: um que trabalhava pesado e a necessidade, né? Aí uma coisa leva a outra. Tem o couro grosso, né? Tá mais acostumado¹⁵.*

Essas dimensões (falta de recursos, excesso de trabalhadores, escolha dos mais fortes e mais novos, etc.) fazem com que a situação de estar em outra cidade, sem recursos, vistos com antipatia por munícipes, permitem situações extremas de exploração do trabalho.

Entre significativos acordos, firmados pelo Ministério Público Federal, Ministério

¹⁴ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista..., p. 219

¹⁵Entrevista feita por Gabriel de Araújo Oliveira, com Arilson Joaquim da Silva e Anilton Fernando dos Reis, na cidade de Campina Verde, em 16/03/2009. Acervo da pesquisa: Histórias, Memórias e Cidadania: Estudo Sobre os Fluxos Migratórios de Trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas Últimas Décadas. Apoiada pela FAPEMIG (2008-2010).

do Trabalho, sindicatos e empresários, estão os “Contratos de Safra” (2002)¹⁶, por exemplo, realizados na tentativa de diminuir as ocorrências de escravidão, por exemplo, entre estes trabalhadores.

Relatos sobre escravidão, contidas em diferentes documentos¹⁷, traçam uma perspectiva que se coaduna, de um modo associativo, à morte por conta do recebimento por produção¹⁸, à exploração do trabalho, entre outros.

Em tais condições, à procura por trabalho em outras regiões, sob aliciamentos de empreiteiros (*gatos*) e/ou sob a contratação mediada por sindicatos, com recebimento pela produção, preconizam situações outras que dimensionam as condições de classe e imposições da própria dinâmica da produção, que, ao permitir ou buscar, trabalhadores de outras regiões, exploram ao máximo sua condição de “externo”.

Pois, a movimentação, por si somente, permite a precarização do trabalhador, ao colocá-lo em situações que são determinadas por “aquilo que tiver para fazer” nos lugares para onde viajam, e não por ser exímio em atividades já experimentadas. Assim, as condições de vida e de vinda, de antemão compõem o rol de relações de trabalho dos que lidam, por exemplo, com a cana-de-açúcar, pois a transição, mesmo que temporária, de um local a outro, gera por si só dívidas de transportes, de alimentação, de acomodação inicial, remédios e outros.

Transformações no Trabalho nos Canaviais do Triângulo Mineiro.

Tal como ocorrido em outros estados, Minas Gerais tem implantando medidas para a proibição de queimada da cana¹⁹ e para a concomitante efetivação do uso de máquina de corte. Ainda controverso, o tema que permeia as referências sobre o fim das queimas e o pacto pela maquinaria imprime temáticas ambientais e até mesmo questões de produtividade, tal como indica o protocolo mineiro:

Minas Gerais já conta com novas regras para a colheita de cana-de-açúcar. A partir deste ano, empreendedores do setor sucroalcooleiro devem iniciar a substituição da queima da cana, utilizada para evitar o risco de cortes do trabalhador com a palha, pela mecanização da colheita. A medida,

¹⁶ *Contrato de safra*: manual – Brasília: MTE/SIT, 2002. Um dos pontos deste significativo documento, baseado no Código Penal Brasileiro, e não somente na legislação trabalhista, diz respeito ao espaço de moradia dos trabalhadores, ressaltando ser “aconselhável” o recrutamento de “mão de obra” nas proximidades do local de trabalho.

¹⁷ PYL, SANTINI e HASHIZUME, *Repórter Brasil*, 30/12/2011, Disponível em: <http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=1978>, acessado em 18 abr. 2012.

¹⁸ ALVES, Francisco. Por que morrem os cortadores de cana?. *Saude soc.* [online]. 2006, vol.15, n.3, p. 90-98. ISSN 0104-1290. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902006000300008>>.

¹⁹ Registro a existência do Decreto Federal de número 2.661 de julho de 1998, que determina a eliminação da queima da cana no ano de 2018, entretanto, legisladores estaduais têm indicado datas anteriores para a eliminação da prática que amplia enormemente a produção do corte manual. Minas Gerais, enfatizando a mecanização da lavoura, indica como data terminal para as queimadas o ano de 2014.

assegurada com a assinatura do Protocolo de Intenções de Eliminação da Queima da Cana no Setor Sucroalcooleiro, implica em ganhos ambientais, como a redução da emissão de dióxido de carbono (CO₂), incentivo ao uso da palha da cana para produção de energia e o desenvolvimento sustentável do setor sucroalcooleiro. [...]“A elaboração do protocolo durou um ano. Todas as partes envolvidas tiveram que ceder em alguns pontos, para um consenso final de que não podemos mais queimar a cana e contribuir para a emissão de CO₂”, declara o presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool no Estado de Minas Gerais e Sindicato da Indústria do Açúcar no Estado de Minas Gerais Siamig/Sindaçúcar, Luiz Custódio Cotta. Ele destaca a possibilidade de destinação da palha para geração de energia. “Com a utilização de 50% da palha da cana, que não mais será queimada, o setor poderá gerar 587 megawatts de energia, uma potência bem acima da barragem de Três Marias”²⁰.

Sobre os trabalhadores:

Com a mecanização, a máquina colhedora de cana realizará o trabalho de cerca de oitenta pessoas. Com isso, os trabalhadores que não serão aproveitados deverão ser qualificados para assumirem novos postos de trabalho. Vários empreendimentos do setor já deram início à requalificação e planejam o aproveitamento dessa mão-de-obra em outros setores. O incentivo aos cursos de capacitação e requalificação da mão-de-obra que trabalha nas lavouras de cana, por parte do poder público e do setor privado, é uma exigência do protocolo. Uma das estratégias previstas no documento é a intensificação de políticas públicas de incentivo à agricultura familiar. A fiscalização do cumprimento do protocolo ficará a cargo do Sistema de Meio Ambiente (Sisema). De acordo com o presidente do Conselho de Administração do Grupo Moema, Maurílio Biagi, as duas usinas que o grupo paulista possui nas cidades de Itapagipe e Frutal, no Triângulo Mineiro, já têm 70% da produção mecanizada. “Estamos investindo na requalificação dos trabalhadores, dando educação e instrução”. As duas indústrias empregam 4 mil pessoas no parque industrial e na área de lavoura²¹.

²⁰C.f Protocolo que regulamenta queimadas. 21/03/2012. Disponível em: <<http://www.agricultura.mg.gov.br/noticias/719>>.

²¹Protocolo que regulamenta queimadas..., p. s/n.

É preciso, antes de tudo, salientar a importância para o debate de obras que lidam com as modificações nas atividades no campo, pela ótica da “reestruturação produtiva” e de seus impactos. Tais estudos centralizam, a meu ver, a discussão no “trabalho”, e, ao mesmo tempo, indicam um enfraquecimento dos trabalhadores frente às transformações apresentadas pelos industriais agrícolas²².

Eurípedes Batista Ferreira avalia a entrada das máquinas e os resultados destas para e os trabalhadores. Desse modo, a qualificação dos trabalhadores, indicadas no “Protocolo de Intenções de Eliminação da Queima da Cana no Setor Sucroalcooleiro”, não lhe parece ser um intuito sério.

Eurípedes: *No início plantava-se cana com mão de obra (as pessoas), ganhava-se dinheiro... ganhava-se dinheiro. (Hoje), por exemplo, ganha dinheiro... é os usineiros que ganha dinheiro. Plantava cana, cortava cana, capinava cana, dava combate na cana. Hoje em dia não. Hoje em dia já tem uma máquina que planta, têm várias máquinas que colhem, têm os aviões que dão combate. Os tratoristas... quase num tem... quase tudo mecanizado e a mão de obra foi sumindo²³.*

“A mão de obra foi sumindo” em função da máquina. Certamente, a absorção melhorada daqueles que utilizavam facões para o corte não ocorrerá, pois deixarão de ser vinculados aos usineiros. Nesse sentido, a crise, ou a perda do El Dorado, localizada por este sindicalista nos anos finais da década de 1980, recairá mais uma vez sobre os trabalhadores, que (ainda) realizam tarefas degradantes, cansativas, recebendo por produtividade, propensos às diversas intempéries em regiões distantes de suas moradias; e que passam a concorrer, por razões ambientais, com máquinas.

As máquinas para atividades canavieiras não são criações recentes.²⁴ Elas são atualmente instaladas sob a égide de um forte discurso e consciências ambiental. Entretanto, nas narrativas dos trabalhadores, as questões desta natureza não se coadunam com as vivências nos canaviais:

²²Entre diferentes autores e obras, C.f. ALVES, F.; ASSUNÇÃO, M. R. Reestruturação e desregulamentação do complexo sucroalcooleiro: disfunções e propostas de políticas públicas. In: *Reestruturação agroindustrial: políticas e segurança alimentar regional*/ Luiz Fernando Paulillo, Francisco Alves (orgs.). São Carlos: EdUFSCar, 2002, p. 109-151. AZEVEDO, J. R.; THOMAZ JR., A.; OLIVEIRA, A.M.S. A nova ofensiva do capital canavieiro e os desdobramentos para o trabalho no Pontal do Paranapanema e Alta Paulista (SP). In: *Geografia em Atos*, n. 6, v.1, Presidente Prudente, Dezembro de 2006, p. 03-10. THOMAZ JR., A. Gestão e ordenamento territorial da relação capital-trabalho na agroindústria sucroalcooleira. *Informações Econômicas*. São Paulo, v. 30, n. 4, abr. 2000. THOMAZ JR., A. *Por trás dos canaviais: os nós da cana*. São Paulo: Annablume, 2002.

²³ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista..., p. 216.

²⁴Para outras e atualizadas informações sobre colhedoras de cana-de-açúcar, ver NEVES, Jorge Luís Mangoline. *Avaliação de perdas invisíveis em colhedoras de cana-de-açúcar picada e alternativas para sua redução*. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/S.P. 2003.

Eurípedes: *Com certeza. Eu vou falar uma coisa aqui que as vezes vão me massacrar por isso, né? Defendo o meio ambiente, acho que tem tudo a ver. Mas as queimadas não é o mais importante na cana-de-açúcar. Não é o problema principal da cana-de-açúcar... Enquanto eles tão vendo assim não se pode queimar. Por que...? Mas aí eles pega e me dá outorga pra sugar os rios... sugar as águas... isso vai depredar mais o meio ambiente. Eles pegam jogam agrotóxico... de tudo quanto é tipo nas lavouras, nas nascentes... e eles não falam isso. Os promotores é... fala: “vamos proibir as outorgas”, “vamos cortar as águas”..., “não usar tipo X de herbicida”... mas eles proibiram as queimadas, que reflete na questão social. Tem X pessoas que dependem dessa queimada, é um problema do meio ambiente, mas tem outros que eles não olham... não é o problema principal do meio ambiente essas queimadas na cana não, tem outras coisa que prejudicam muito mais²⁵.*

O trabalhador/sindicalista registra que as questões ligadas ao meio ambiente são mais profundas do que as indicadas pelas queimadas, envolvendo uso de agrotóxicos, irrigação a partir de nascentes, inviabilização de solos e terras nas quais trabalhavam (e poderiam futuramente abrigar) pequenos agricultores.

Mas como julgar, então, essa situação díspare: trabalho/exploração *versus* maquinaria/diminuição de trabalhadores nos canaviais? Considerando os fatores aqui elencados, faz-se necessário uma “análise válida, teórica e classista da atual” circunstanciada na vida e trabalho de tais sujeitos. “É quase impossível apresentar um relato histórico coeso sobre uma presença não coesa, (como os diversos trabalhadores que “flutuam” numericamente nesta região)”, mas é preciso tentá-lo.²⁶

Triângulo Mineiro: Outras Trajetórias e Movimentos

Enquanto seres produtores de cultura e de memórias os sujeitos deixam marcas, narram o mundo de modo crítico e experimentam a existência social enquanto relações de trabalho, de vida. O historiador inglês E. P. Thompson assinala a noção de experiência social em relação à perspectiva de “consciência”, esta por sua vez indicada como “consciência de classe”, que “é a forma como essas experiências são tratadas em termo culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, *idéias e formas institucionais*”²⁷.

²⁵ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista..., p. 217.

²⁶THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. A força dos trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3v. p.15.

²⁷THOMPSON, E. P. Introdução. In: *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.10

Podemos ver uma *lógica* nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma *lei*. Ainda, experimentam não apenas como *ideias no âmbito do pensamento*, mas também como sentimentos, normas, valores, obrigações que são expressas em ações e também como resistências.

Ao perceber as manifestações dos trabalhadores como “narrativas”, especialmente registradas por intermédio de entrevistas orais, reforçamos que as “atitudes” de diversas categorias de trabalhadores e demais sujeitos sociais nos dizem muito. Como não cremos em autonomias da cultura, das memórias ou de consciências sociais, percebemos nas atitudes diferentes dimensões do social, mudanças e reconstituições diversas de relações vividas²⁸.

Tentamos, assim, retomar as falas que, por vezes, nos aparecem como “individuais” nas narrativas (principalmente aquelas registradas em primeira pessoa), nas memórias e nas atitudes dos sujeitos, para, em nossas reflexões, colocá-las em movimento, relacionando-as à “lógica histórica” mais ampliada na quais as ações humanas se realizam.

A centralidade do trabalho continua sendo um importante aporte para as pesquisas em História Social e para compreendermos as disputas e dinâmicas de classe. Como frisamos, as relações de trabalho nos canaviais são penosas, os trabalhadores são suscetíveis à exploração, são compensados por produtividade, vivem em circunstâncias precárias e correm (até mesmo) o risco de escravidão e de morte²⁹.

O advento asséptico da maquinaria aponta para a melhoria da terra e da produtividade; trazendo promessas de requalificação e melhoria profissional. Mas não é isso que tem se revelado.

A máquina, por exemplo, está presente em usinas que escravizam. Trabalhadores “*contratados para a colheita e transporte da cana-de-açúcar*” foram já submetidos a jornadas exaustivas de trabalho, “*com mais de 24h seguidas de labor ininterrupto*”. Em Goiatuba, cidade goiana, próxima do Triângulo Mineiro, “trabalhadores ocupavam funções no corte mecanizado da cana, operando máquinas de colheita, tratores e caminhões”³⁰.

Antes da proibição das queimadas e da utilização de máquinas, e dos debates e consequências em torno de tais tópicos, a chegada da cana no cenário agrícola mineiro, representou a mudança e a reestruturação de diversas relações de trabalho e vida, tanto no campo, quanto nas cidades existentes em áreas de usina.

Eurípedes nos fala sobre o fim de produtos básicos para a alimentação popular, nas feiras urbanas: “[nos anos de 1980] *plantava-se milho, arroz, feijão, criava galinha e trazia porco pra vender na feira. Hoje até a feira não tem mais aqui, numa cidade*

²⁸HOGGART, Richard. *As Utilizações da Cultura*. Aspectos da Vida Cultural da Classe Trabalhadora, Lisboa: Editorial Presença, 1973.

²⁹ALVES, Francisco. Por que morrem..., p. 95-96.

³⁰ÁLVARES, *Trabalho escravo: operação resgata 39 trabalhadores em Goiás*. *O Popular*, 18/10/11. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/cmlink/opopular/editorias/geral/opera%C3%A7%C3%A3o-resgata-39-trabalhadores-em-goi%C3%A1s-1.50013>>.

*pequena aqui... se ocê for na feira ninguém vende galinha... porque não tem... vai criar aonde?”*³¹

A pequena agricultura sucumbiu ao aluguel das propriedades para o plantio de cana, fato que, por um lado, retirou a possibilidade de trabalho meeiro e outros, e, por outro, comprometeu o desenvolvimento futuro de outras culturas, já que o plantio e replantio de cana-de-açúcar, por dez, quinze anos, traz desgastes significativos à terra.³²

Um significativo número de paralisações de atividades, ocupações de rodovias da região e a organização de greves; de acordo com levantamento apresentado por outros pesquisadores, torna-se outro importante elemento para a discussão sobre a agroindústria da cana, na região. “*Nas áreas de pesquisas do Triângulo Mineiro que ocorreram greves nos anos de 2003, 2004, 2005, 2006, 2008, pautadas principalmente no reajuste do piso salarial, que atualmente corresponde a R\$ 690,00 um dos maiores do setor na região*”³³.

Nesse sentido, acomoda-se em um local específico na produção de açúcar, álcool, etc., em que ocorrem resistências e greves (quase) anualmente.

Entre outras questões, incidem distintos trabalhadores na região, em significativo quantitativo numérico. Acima, Eurípedes assinalou a quantia de 70 mil pessoas/ano, apenas na região de Araporã e Centralina, antes da introdução da maquinaria. Em sua avaliação, ainda parcial, a máquina está deixando sem espaço nos canaviais 40mil trabalhadores, em média.

Esses trabalhadores,

Paulo Almeida: *Você acha que aquelas outras 40 mil, que viriam, elas vão continuar vindo? É isso que você está dizendo?*

Eurípedes: *Parte delas vai continuar vindo mesmo sem perspectiva, porque é melhor eles tentá aqui do que ficá lá na região deles, tipo assim, aqui é setenta mil... quarenta mil vai ser absorvido... vai faltá trinta mil. Essas trinta mil, onde que elas vai ficá? Parte delas é daqui mesmo, é do município, uma pequena parte é daqui, mas outros são migrantes... eles vem. Vai ficá lá fazendo o que? [...] Aqui tem uma usina que é pra fichar oitenta... apareceu duzentas e cinquenta em um dia lá... duzentas e cinquenta senhas! Tive que dar senha ainda... e os outros tão por aí esperando. Eles pega nome de todo mundo, entrevista todo mundo e dez dias depois sai a lista dos oitenta... e aqueles outros? Tá sem fazer nada, não tem um daqui, um dia vai acaba. Ele tá*

³¹ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira... p. 215.

³²ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira... p. 215.

³³SOUZA, A.G.; CLEPS JR., J. O desenvolvimento da agroindústria canavieira no Triângulo Mineiro e seus impactos sobre a mão-de-obra e a produção de alimentos. In: *Anais do XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária*, São Paulo, 2009, p. 1-16. Apud, CLEPS JR., J. Concentração de poder no agronegócio e (des)territorialização: os impactos da expansão recente do capital sucroalcooleiro no Triângulo Mineiro, *Caminhos de Geografia*. Uberlândia, Edufu, v.10, n. 31. Set/2009, p. 249-264.

na casa num amigo... o outro também já não conseguiu... aí vem pro sindicato, vem pra prefeitura, aí começa a cascata porque tipo... Vamo dá em números pro cê: vem quinhentas pessoas pra cá... ficho cem, sobrou quatrocentas. Essas quatrocentas não tem nada pra voltar... a família dele tá lá passando dificuldade... ele vai fazê o que da vida? Nós já fizemos vaca... que ligô pro prefeito de cidade lá pra mandá ônibus pra levá gente embora daqui, porque eles ficam louco aqui... uns perde a cabeça vai bebê cachaça, uns vai robá... outros vai... Isso acontece tudo, outra coisa (que nós temo um problema maior pro cê vê)... essa é minha preocupação... e que os governo não vê na maioria dessas pessoas... que é da cana. Uma grande parcela tem mais de quarenta anos... (quarenta, quarenta e cinco, cinquenta). A usina não quer nem olhar pra esses que tá com quarenta, eles quer cara fortão mesmo... eles não quer gente de meia idade. Essas pessoas não conseguem serviço no mercado, não tem qualificação. Só tem força aí... Eles já tá perdeno as força... vai fazê o que? Aí gera outro problema: chegou nos cinquenta, sessenta... ele não aposenta, por que? Não tem recolhimento, o que nos vamo fazê com essas pessoas no futuro? Eu vejo assim... daqui dez anos... porque parte vai morrer! Mas os que sobra daqui dez anos? Tá na época de aposentá... aí eles não aposentam... não tem recolhimento. Eles só trabalha de seis em seis meses... não tem recolhimento. O INSS tá com uma linha de que tem que ter hoje... o ano passado, atrasado, era treze anos, depois quatorze... agora é cento e cinquenta meses... ano que vem é cento e setenta, que tem que ter tantas contribuições contínuas. Bem, nós já temos problema aqui de cortador de cana que não consegue aposentar, porque não tem as contribuições contínuas... e ele trabalha todo ano... só que ele não trabalha, não paga continuado. Tem uma regra, quatro anos era um tanto de contribuição... esse ano um tanto e vai aumentando. Acho que agora é cento e cinqüenta e oito contribuições pra você ter direito, bem, e assim por diante. Daqui dez anos não sei o que vai acontecer com a grande massa... porque esse povo aí não sabe nada, né? Acho que o governo deveria ter uma questão social... pra fazê alguma coisa por essas pessoas...³⁴

Para onde irão os trabalhadores desapropriados de um trabalho degradante? As experiências e as formações de consciências já se revelam no Triângulo Mineiro, demonstrando inter-relações de fenômenos históricos e ações dos sujeitos. De acordo

³⁴ALMEIDA, P. R.; MORAIS, S. P.; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira... p. 221.

com a Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Verde, algumas trajetórias estão apontando para a luta e busca pela terra:

Gabriel: *E qual é a demanda que vocês tem aqui, do pessoal, qual é o trabalho que vocês exercem aqui, em geral?*

Divina: *Olha pra te falar a verdade, aqui nós mexemos com todas as áreas. Sendo trabalhador rural, todas. Nós participamos da área de saúde e de tudo. Reforma agrária, é trabalho de usina, trabalho de pessoas que vêm de fora, trabalho de pessoas que daqui mesmo, então é assim, uma coisa conjunta, aqui não tem... só trabalho urbano que nós não mexemos. Com esse nós não temos contato, tem alguma informação que a gente passa, mas esse não é o nosso serviço. Nosso serviço é com o trabalhador rural, com o pequeno proprietário rural, também né, que é do campo e também mais voltado aos assentamentos e a usina. [...] [Os que vem para trabalhar com a cana] uns voltam, outros ficam por aqui já se empregam por ai em outra fazenda, cê entendeu? Uns arrumam uma agregação por aqui mesmo, ou seja, constitui família, isso aconteceu muito, né. Tem gente aqui que era, veio de... dessas cidades do norte aí, já tem pedaço de terra aqui de assentamento, tem família, cê entendeu? Então, tudo isso acontece. Tem três anos e pouco que essa empresa está aqui, né. Mas, acho que entre aquele relacionamento de amigos ali, de um e de outra, até constituir família mesmo. Porque tem gente que agora, é morador ou aqui, ou na fazenda. Então, eles ambientam rápido. Muitos não, voltam pra trás. Muitos decepcionados, às vezes, não é? Porque como que faz, às vezes num é aquilo que eles esperavam, uns voltam pra trás outros não, já ficam, criam um ambiente por aqui mesmo e já vão ficar e lutar por aqui mesmo. [...] Em assentamento também. Muitos, aqui, por exemplo, tem a “(nome do assentamento que não foi legível ao transcritor)” que a maioria do pessoal é Iturama, mas entre aspas tem muita gente daqui que é de fora, longe daqui, entendeu? Vem por ai, ai já começa a fazer amizade, já se acampa ou vamos falar assim, num é o certo mas existe ainda, um erro, mas existe a compra de lote, Entendeu? Aí compra o lote aí já é um morador, um pequeno proprietário ou consegue o lote na luta mesmo... Isso acontece muito. Só o nosso assentamento aqui que é o mais velho, tem dez anos, que não tem gente de fora, vamos falar assim. Só os daqui mesmo. Mas a maioria aqui da região, são dez assentamentos, tem muita gente de fora”³⁵.*

³⁵Entrevista feita por Gabriel de Araújo Oliveira, Divina Catarina Borges de Almeida, na cidade de Campina Verde, em 08/06/2009. Divina C. B. de Almeida era, na ocasião, Presidente do Sindicato

Talvez seja muito incipiente para que haja efetiva análise de tal processo frente a estrutura criada pela agroindústria, entretanto, a mecanização, o discurso ambiental frente a prática vivida e a contínua vinda de trabalhadores signifiquem traços de dissidentes, de mudanças e conflitos que se aproximam.

Outras fontes têm indicado tendências sobre essas possibilidades. O Jornal Folha de São Paulo, de 16 de fevereiro de 2011, indica relação desses sujeitos com as questões sobre a reforma agrária, na região canavieira do Estado paulista:

Desempregados pela mecanização, ex-cortadores de cana ingressam em luta pela terra. Desde 2007 foram fechados no estado cerca de 40 mil postos de trabalho no corte da cana, José Rainha Júnior, confirma que os ex-cortadores têm fortalecido os movimentos sociais. Ele estima que entre os 6 mil militantes que participaram das 42 ocupações de janeiro deste ano, pelo menos um terço era composto de egressos do setor sucroenergético. “A tecnologia chegou, as máquinas desempregaram muita gente no corte de cana”, conta Rainha³⁶.

O Jornal Correio, da cidade de Uberlândia, trouxe em edição de 03/03/2011, outros elementos que indicam as movimentações de trabalhadores em torno do agronegócio, de questões ambientais — que cercam a produção de cana — e de questões a respeito de pequenas propriedades e/para trabalho.

De acordo com a imprensa, mulheres de diferentes movimentos sociais cortaram simbolicamente cana-de-açúcar, para alertar sobre os efeitos da monocultura e de agrotóxicos.

Cerca de 90 mulheres da Vila Campesina, composta pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), acompanhadas de crianças, realizaram na manhã desta quinta-feira (3), uma manifestação no quilômetro 115 da BR-050, entre Uberlândia e Uberaba. A pista ficou bloqueada nos dois sentidos por mais de duas horas, o que provocou um congestionamento de veículos de cerca de seis quilômetros. A Polícia Rodoviária Federal (PRF) acompanhou o protesto. De acordo com Ana Maria de Lima, uma das integrantes da manifestação, o objetivo da ação é alertar para o uso de

dos Trabalhadores Rurais. Acervo da pesquisa: Histórias, Memórias e Cidadania: Estudo Sobre os Fluxos Migratórios de Trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas Últimas Décadas. Apoiada pela FAPEMIG (2008-2010).

³⁶MELLO, D. Desempregados pela mecanização, ex-cortadores de cana ingressam em luta pela terra, 16/02/2011. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/02/16/desempregados-pela-mecanizacao-ex-cortadores-de-cana-ingressam-em-luta-pela-terra.jhtm>>.

agrotóxicos na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e também comemorar o Dia Internacional da Mulher. Segundo Ana Maria, durante a semana, foi realizado o Seminário Estadual da Vila Campesina na Fazenda Inhumas, que promoveu palestras para as mulheres sobre utilização de agrotóxicos. “Hoje é o encerramento do Seminário e, após estudar sobre o agrotóxico, que ainda é muito utilizado na região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, estamos manifestando em defesa da agricultura, da terra e do meio ambiente”, disse. Além do protesto com bandeiras e faixas, as manifestantes realizaram o corte de canas em fazendas próximas à Usina Vale do Tijuco, com o objetivo de mostrar, segundo Marili Zacarias, uma das organizadoras da manifestação, que a monocultura não traz benefícios para a região.

Como anteriormente dito, as dimensões de tal processo, construído pelas disputas de concepções e de interesse pela terra e trabalho, são ainda incipientes. Entretanto, deixam marcas e possibilidades para a criação de outros ambientes e ambiências sociais.

Pois, não há como pensar que o fazerem-se enquanto sujeitos viventes e atuantes estejam terminando. As expectativas, os desejos e os sonhos que cultivaram nesses anos de exploração e luta, certamente, não estão finalizados³⁷.



RESUMO

O texto reflete sobre a problemática da agroindústria na perspectiva de trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro. Explora a historicidade da luta de classes por meio da experiência no trabalho. O objetivo maior é o de ressaltar determinadas relações estabelecidas entre trabalhadores e usinas, mostrando mudanças nas relações produtivas, transformações nos modos de vidas e formas de exploração dos trabalhadores. O artigo também discute tendências na luta pela terra, questões ambientais e introdução de máquinas no plantio e na colheita da cana.

Palavras Chave: Agroindústria; Trabalhadores; História oral.

ABSTRACT

This text is a reflection about the problematics of agrobusiness in the experience sugarcane's workers of the Triangulo Mineiro region. Exploring the historicity of the class struggle through work experience. The main objective is to study the relations between workers and relations of production, showing changes in work, changes in the lives, from the current characteristics of the exploitation of workers. The article also discusses trends in the struggle for land, environmental issues and the introduction of machinery in planting and harvesting sugar cane.

Keyword: Agrobusiness; Workers; Oral History.

³⁷REDAÇÃO, Mulheres fazem manifestação na BR-050, Acesso em: 03 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/mulheres-fazem-manifestacao-na-br-050/>>.